

AS MULHERES FALAM DIFERENTE DOS HOMENS?

VALQUÍRIA CLAUDETE MACHADO BORBA

Universidade do Estado da Bahia

SAMUEL GOMES DE OLIVEIRA

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Esse título nos leva a pensar em uma série de outras questões, tais como: alguém fala igual a outro? Que categorias podem ser usadas para afirmar ou não que as mulheres falam diferente dos homens? Quando pensamos nas definições de “homem” e “mulher”, estamos nos pautando pelo conceito de *sexo* ou de *gênero*? O que se entende por gênero? E, sendo a linguagem cultural, é possível avaliar falares diferentes numa tentativa de estabelecer padrões universais de fala que seriam do homem ou da mulher?

Responder à questão “as mulheres falam diferente dos homens?” não é tarefa fácil. Uma das possibilidades de resposta, que pode ser utilizada para outras perguntas semelhantes (“os mais velhos falam diferente dos mais jovens?”, “os mais ricos falam diferente dos mais pobres?”), talvez possa ser um pouco frustrante: *depende*. Na verdade, a existência ou não dessa diferença depende de muitos fatores: do aspecto linguístico sob consideração, das pessoas sob estudo, dos contextos. Nessa direção, há dados que podem nos auxiliar a refletir sobre a indagação posta, tendo em vista as diferentes perspectivas em jogo. Os estudos advindos da sociolinguística, por exemplo, têm investigado essa e outras questões a respeito da relação entre língua e sociedade já há algum tempo. Essa área, interdisciplinar por natureza, é composta de trabalhos que buscam entender *o que* fazem as pessoas com a linguagem e *por que* fazem o que fazem. Entre eles, há aqueles associados à teoria da variação ❶, que nos oferecem importantes dados de investigação. Essa teoria entende que, se a língua varia (isto é, se existem duas ou mais formas de dizer uma mesma coisa), deve haver tanto motivações linguísticas quanto sociais para um ou outro uso. Com o auxílio de análises estatísticas, os estudos de variação linguística buscam compreender por que, por exemplo, algumas pessoas tendem a falar “os peixes”, e outras, “os peixe”. Será que, nesse caso, homens falam mais de um jeito e mulheres mais de outro? Ou será que há influência maior de questões como a idade, a escolaridade, a classe social, a região de residência, os grupos sociais a que pertencem, entre outras?

Os pesquisadores costumam fazer estudos bem controlados e específicos para poder investigar esses aspectos e descobrir, justamente, do que dependem os usos linguísticos variáveis. Para dar um exemplo, podemos afirmar que, considerando a diferença na concordância nominal entre “os peixes” e “os peixe”, no português falado por paulistanos, observou-se uma correlação estatisticamente significativa entre a

concordância nominal e o gênero do falante: os homens tendem a falar “os peixe”, as mulheres, “os peixes” ❷.

Essa diferença entre homens e mulheres nem sempre é observada nos estudos, contudo. Além disso, algumas percepções das diferenças entre homens e mulheres podem não se comprovar nos estudos científicos. É o caso da ideia de que as mulheres falam mais do que os homens, por exemplo. Embora essa noção possa estar presente no imaginário de algumas pessoas, trata-se de um mito que carece de comprovação científica ❸. É impossível verificar em todas as culturas humanas se há, de fato, indícios da existência de algo biológico ou cultural que possa nos levar a afirmar que as mulheres falam mais do que os homens ❹.

Há também estudos que mostram outros aspectos em relação a diferenças de fala entre homens e mulheres: as meninas desenvolvem a fala antes dos meninos durante a aquisição da linguagem; as mulheres apresentam índices de desempenho superior ao dos homens em testes de fluência, complexidade das frases, escuta e compreensão no material escrito e falado, vocabulário e ortografia; as mulheres usam a fala para manter contato, se preocupando mais com o interlocutor, já os homens para troca de informações, preocupando-se mais com o conteúdo da fala, com o seu resultado, focalizando em relações sociais hierárquicas. Isso justificaria o fato de, em relação à polidez, as mulheres pedirem desculpas e elogiarem mais que os homens. Entretanto, também há estudos que argumentam que as diferenças vão depender do contexto social e das relações de poder na sociedade.

Ainda quanto à polidez, há um estudo que mostra diferenças sintáticas e lexicais a partir de exemplos de elogios ditos por homens e mulheres no inglês da Nova Zelândia. Entre “amar” e “gostar”, por exemplo, as mulheres usam mais “amar”, intensificando seus elogios. Os homens são mais discretos, usam mais “gostar”. As mulheres usam mais o intensificador “que” como em: “*Que filhos adoráveis*”. Em alguns contextos da Nova Zelândia, a linguagem dos homens mostra-se mais agressiva, competitiva e argumentativa do que a das mulheres. Ainda podemos citar uma diferença encontrada no português brasileiro: o uso do diminutivo pode ser uma característica feminina como, por exemplo: “*Que gracinha de bebê*” ❺.

Os dados apresentados revelam, de um lado, ser impossível afirmar a existência de algo biológico ou cultural que sustente a existência de

diferenças universais entre a forma de falar de homens e mulheres; de outro, alguns estudos nos permitem verificar, em comunidades específicas, tendências a esse respeito. Além dos exemplos mencionados anteriormente, há diversos outros resultados apontando diferenças no falar de homens e mulheres. Isso é mostrado, por exemplo, em alguns estudos em culturas ocidentais ③: os homens podem falar mais do que as mulheres em situações públicas, monopolizar a fala, parecendo ser uma marcação de *status*. Já as mulheres podem falar mais em situações familiares e quando não há disputas por *status*.

Para organizar e esclarecer nossa resposta a respeito do uso da linguagem por homens e mulheres, nos parece importante desdobrar a pergunta que dá título ao capítulo em duas perguntas:

- (i) *todos as mulheres falam diferente de todos os homens? Ou: Há algo inerente quando se é mulher ou homem que explique diferenças nas suas formas de falar?* Para essa pergunta, a resposta é *não*.
- (ii) *Há contextos específicos em que as mulheres tendem a falar de forma diferente de homens?* Para essa pergunta, a resposta é *sim*. Essa resposta nos leva a uma pergunta complementar, que motiva tantas investigações: *Por quê?*

Bem, perguntas complexas geralmente demandam respostas complexas. Em linhas gerais, a motivação para essa possível diferença entre o falar de homens e de mulheres está, outra vez, relacionada àquela primeira resposta (*depende*). Demonstramos até aqui que a explicação para as diferenças não pode nunca ser uma generalização rasa, do tipo “porque todo homem é assim”, “porque toda mulher é desse jeito”. Afinal, não há uma característica inerente ao ser homem ou mulher para explicar essa diferença. Isso significa que, quando um estudioso percebe, em um contexto específico, em uma comunidade específica, que homens tendem a falar de um jeito, mulheres, de outro, a busca por explicação deverá incluir, no mínimo, a formulação de outra pergunta: *O que significa ser homem/mulher nessa comunidade?* As respostas, específicas de cada comunidade, podem ser diversas.

Algumas generalizações a respeito da diferença de falar entre homens e mulheres até são possíveis (e já foram feitas), mas devem ser tratadas com cautela e ser contextualizadas, uma vez que nem sempre se mostram verdadeiras. Uma tendência observada em alguns estudos e que segue mostrando alguma relevância diz respeito à relação entre gênero

e prestígio ou estigma: as mulheres tendem a utilizar mais formas de prestígio (isto é, formas vistas com bons olhos pela sociedade) do que os homens ⑦. As explicações para essa tendência são variadas e dependentes de outros fatores. Mulheres de classe média baixa, por exemplo, tenderiam a fazer mais esforço para usar formas de prestígio, evitando as estigmatizadas, do que mulheres de classe alta, o que pode se dever ao fato de as mulheres, quando possuem menor poder econômico, buscarem se assegurar através da linguagem prestigiada. Além disso, pode entrar em jogo a responsabilidade assumida pelas mulheres em prol da futura mobilidade dos filhos, o que as estimularia a preparar o capital simbólico deles, ou seja, a incentivá-los a fazer uso de formas linguísticas de prestígio.

No caso do exemplo da concordância nominal no falar paulistano, as mulheres tendem a desfavorecer uma marca estigmatizada (quem fala “os peixe” pode sofrer preconceito linguístico), o que se esperaria a partir da tendência associada a prestígio. No entanto, esse resultado, encontrado na comunidade de fala paulistana, não se mostra em todos os estudos sobre concordância nominal. Para entender o funcionamento desse processo, interessa, ao estudioso da língua, saber quais são os significados sociais de falar de um jeito ou de outro em cada comunidade investigada. No falar de São Paulo, aqui tomado como exemplo, homens gays efeminados tendem a favorecer ainda mais o falar prestigiado do que as mulheres, fazendo um uso ainda menor da falta de concordância. Isso pode significar que os homens tenham a tendência de empregar a falta de concordância como estratégia para evidenciar *masculinidade* ③. O que os estudos realizados na cidade de São Paulo mostram é que, nessa comunidade, o uso dessa falta de concordância parece funcionar como estratificador de classes sociais e níveis de escolaridade, além de índice de masculinidade ②.

A tendência observada sobre as mulheres fazerem uso de marcas mais prestigiadas não é uma máxima irrevogável, portanto. Pelo contrário: há estudos cujos resultados desafiam a expectativa de tendência. E mesmo quando ela se mostra presente, há muito a ser investigado, tendo em vista que o significado de ser homem e de ser mulher não é o mesmo em todo o lugar e segue mudando. Para além da categorização em *homem* e *mulher*, há uma série de outras questões a serem observadas. No caso da relação entre gênero e a concordância nominal em São Paulo, homens tendem a usar a forma de menor prestígio, mas

homens gays efeminados fazem o inverso. Há, nesse caso, mais do que um atravessamento associado à orientação sexual: interessa a construção do que é ser *masculino* e ser *feminino*. Vale dizer: nem todo homem é igual, nem todo homem gay é igual, e essas diferenças se expressam inclusive na linguagem.

Esses resultados nos levam a uma pergunta essencial e ainda anterior a *o que significa ser homem/mulher nessa comunidade?* Na verdade, há um dado importante quando começamos a falar de linguagem humana: por que falamos de homens e mulheres apenas? Na nossa sociedade, a discussão está para além da ideia tradicional de gênero feminino e masculino, que entende gênero como equivalente a sexo biológico. Ou seja, a discussão hoje é sobre “identidade de gênero”, e, também, sobre orientação sexual. Por que isso é importante? Porque os seres humanos não se reduzem ao gênero masculino e feminino na visão tradicional **10**, logo a linguagem estudada apenas a partir desse parâmetro, muitas vezes, não traduz a realidade. Esse é mais um fator a ser considerado ao pensarmos em diferenças linguísticas e na complexidade das comunidades estudadas.

O tema é amplo e pode ser estudado por vários vieses, como pudemos ver acima. Neste capítulo, buscamos afirmar, retomando alguns estudos linguísticos, que, no âmbito da linguagem, uma resposta simples como “ele fala assim porque é homem/ela fala assim porque é mulher” jamais se sustentaria. Além da questão sobre a identidade de gênero, temos profissões e ocupações, temos diferentes níveis de escolaridade, somos de diferentes classes sociais, diferentes culturas, construímos e fazemos parte de muitas categorias que, além de gênero, determinam nossas formas de falar. E isso torna difícil encontrar uma diferença no uso da linguagem que se deva exclusivamente ao gênero. Em resumo, nossas construções de gênero impactam nossos modos de falar, mas não de maneira suprema ou isolada, nem sempre da mesma forma ou com a mesma motivação, de forma que não poderíamos fazer uma afirmação universal do tipo “as mulheres falam diferente dos homens”. Em nosso trânsito social e em nossas trocas linguísticas, estamos sempre construindo estilos de diferentes maneiras, mobilizando diferentes estratégias e utilizando diferentes recursos, inclusive linguísticos. A todo momento, nós estamos atribuindo e (re)construindo os significados sociais das nossas formas de falar **11**.